

Razões dos que querem choque

BRASÍLIA — Economistas, políticos, técnicos da antiga e da atual equipe econômica do governo defendem a aplicação de um novo choque heterodoxo como a única alternativa viável para reduzir a inflação. As principais razões para a defesa do choque são:

- Atualmente, a maior parte do custo financeiro é correção monetária e a única forma de reduzir é um choque heterodoxo, com a criação das Tabelas de Conversão, deflacionando os contratos feitos antes do dia de aplicação do programa. Esta é a opinião do economista Ércio Munhoz, professor da UNB.

- Esperar pelo controle do déficit público não resolve, porque o grande componente dos gastos é o custo financeiro da dívida pública, que chega a 80 bilhões de dólares, somando a dívida mobiliária e o que é contabilizado pelo Banco Central, de acordo com Munhoz.

- O realinhamento de preços não é possível em um processo de inflação alta, porque sempre algum produto ou tarifa perde a corrida.

- O governo comprou uma parcela significativa da maior safra agrícola já colhida no país, que chega a 60 milhões de toneladas de grãos. Por isso, não há o risco de especulação ou escassez de alimentos se vier o congelamento.

- A população quer o choque, porque não esqueceu as vantagens que obteve durante o período de inflação estável.

- O estoque de carne do governo é de 120 mil toneladas de carne, enquanto, em 86, as compras governamentais ainda não tinham começado quando veio o congelamento de preços.

- A lei antitruste, em preparação pelo consultor-geral da República, Saulo Ramos, será o instrumento eficiente para controlar aqueles que desrespeitarem o sistema de controle dos preços.

- O presidente Sarney precisa de respaldo político para se manter no cargo, ameaçado por uma parte do PMDB, que quer eleições em 88. Um novo programa de estabilização pode lhe garantir o apoio popular que necessita.

- Com exceção das tarifas postais, os demais serviços e preços públicos já estão realinhados, o que evitaria déficit nas empresas estatais.